

POR QUE LER E (RE)LER OS CLÁSSICOS?¹

Anderson Luiz da SILVA²
Moema Rodrigues Brandão MENDES³
Sandra Mayumi AMANUMA⁴

RESUMO

Este artigo, fruto de uma parte das pesquisas que realizamos para o desenvolvimento de nossa Dissertação de Mestrado, tem por objetivo apresentar reflexões sobre os processos de leitura e releitura de obras clássicas da literatura por leitores contemporâneos. Inicia-se o processo reflexivo construindo uma rede teórica básica que situa a definição de clássico, desde a Antiguidade aos contos infantis modernos, passando pela narrativa medieval. Em seguida, discutem-se valores literários e humanos que se podem apreender das práticas de leitura e releitura dessas obras. Pretendemos, pois, argumentar sobre a importância da leitura dos clássicos, com especial atenção para o processo de formação do leitor no cenário educacional, com ênfase no ambiente escolar, destacando alguns procedimentos que podem contribuir para a inserção do jovem leitor no universo do clássico, com a mediação do professor como um ator que deve estar preparado para atuar nessa jornada em direção à descoberta da literatura clássica.

Palavras-chave: Literatura clássica. Jovem leitor. Práticas de leitura e releitura.

ABSTRACT

This article, the result of a part of the research we carried out for the development of our Master's Thesis, aims to present reflections on the processes of reading and rereading classic works of literature by contemporary readers. The reflexive process begins by building a basic theoretical network that locates the definition of classic, from Antiquity to modern children's tales, passing through medieval narrative. Then, literary and human values that can be inferred from the practices of reading and rereading these works are discussed. We intend, therefore, to argue about the importance of reading the classics, with special attention to the reader's training process in the educational setting, with an emphasis on the school environment, highlighting some procedures that can contribute to the insertion of the young reader in the classic universe, with the mediation of the teacher as an actor who must be prepared to act on this journey towards the discovery of classical literature.

Keywords: Classical literature. Young reader. Reading and rereading practices

ia m

¹ Esta reflexão é resultado de parte da pesquisa desenvolvida para a dissertação de Mestrado intitulada **A ilha e o outro lado da ilha: mitos e símbolos** no âmbito do Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

² Doutor em Letras (PUC-Rio). Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico Federal (EPCAR – Barbacena – MG). Coordenador desta pesquisa. *E-mail:* andersonsilvamg@yahoo.com.br.

³ Pós-Doutora em Memória e Acervos literários (FCRB/RJ) Doutora em Letras (UFF/RJ), líder do GT “Arquivos literários: memória, resgate, preservação”, (CNPq). Orientadora desta pesquisa. *E-mail:* moemarbrendes@gmail.com.

⁴ Mestra em Letras (UniAcademia/JF). Especialista em Alfabetização e Linguagem (UFJF). Membro do GT “Arquivos literários: memória, resgate, preservação” (CNPq). *E-mail:* mayumi.amanuma@yahoo.com.br

Estás predestinado a ali chegar.
Mas não apresses a viagem nunca.
Melhor muitos anos levars de jornada
e fundeares na ilha velho enfim,
rico de quanto ganhaste no caminho,
sem esperar riquezas que Ítaca te desse (KAVÁFIS, Konstantinos, 2016).

Neste artigo, fruto de uma parte das pesquisas que realizamos para o desenvolvimento de nossa Dissertação de Mestrado, apresentamos os conceitos de **clássico** defendidos por teóricos respeitados visando credibilizar a interrogação construída no título de um dos capítulos – **POR QUE LER E (RE)LER OS CLÁSSICOS?** – da dissertação. Pretendemos, pois, argumentar sobre a importância da leitura dos clássicos, com especial atenção para o processo de formação do leitor no cenário educacional.

Para isso, observamos o uso da palavra clássico em diversas situações, e, segundo o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda, **clássico** é:

De natureza habitual; corrente, corriqueiro: tomamos o clássico cafezinho; considerando como um modelo de gênero; exemplar: obra que se tornou clássica; conforme comum ideal, com as regras ou com os usos estabelecidos, tradicional; considerado como um exemplo em belas-artes; que se reconhece como uma situação consagrada: seu atraso já é clássico na empresa; jogo entre equipes de dois clubes importantes; relativo à Antiguidade greco-latina ou aos grandes autores e à arte dos séculos XVI a XVIII: as línguas clássicas, o teatro clássico, a arquitetura clássica; relativo ou referente ao material usado em sala de aula, autor clássico (AURÉLIO, 2020. Não paginado).

A partir do registro dicionarizado, consideramos a aplicação do vocábulo clássico em variadas modalidades, mas, nessa pesquisa, o emprego desse vocábulo centraliza-se no campo da literatura.

A etimologia da palavra clássico permite conhecer sua origem e alguns elementos que a compõem:

A palavra “**clássico**” tem a sua origem no latim “**CLASSICUS**”, que por sua vez significa “relativo às classes mais altas do povo romano”, logo, indicava “superioridade”. O vocábulo latino deriva de “CLASSIS”, “classe, divisão, exército” e originalmente designava “quem podia ser chamado às armas”, relacionado à “CALARE”, “chamar”. Ao sentido sociológico de pertencimento a uma classe superior está relacionada à ideia de excelência, de preeminência (ETIMOLOGIA DE CLÁSSICO, [20-], grifo do autor).

A etimologia da palavra – *classicus* – remete a obras de qualidade, que não estão atreladas a uma determinada época, pois o seu conteúdo universal é

atemporal, tornando-as obras atuais. Em virtude disso, a obra clássica torna-se um referencial, um modelo que mais se aproxima da excelência. É uma obra eternizada, portanto.

A palavra clássico, sob o ponto de vista sócio-histórico, é originária da Grécia Antiga e define um período da cultura grega, por volta dos séculos V-VI a.C., relacionando os campos da arte, filosofia e ciência. No Renascimento, na cultura ocidental, o mundo clássico foi a referência como excelência nas artes e na literatura. Assim, “a palavra clássico passou, então, a ser sinônimo do grego e do latim antigos” (MALUF, 2008, p. 200.).

Conforme o músico e compositor Renato Rocha, “clássica é a obra que tem dimensão universal: consegue atravessar gerações, fronteiras e nacionalidades, sem perder as suas características” (ROCHA, 2008, p. 198).

Uma obra é clássica por ser diferente, tornar-se grande e possuir uma sobrevida na História. Se pretendesse figurar entre os memoráveis, sua contribuição deveria ser própria e única para o universo geral das obras. Não deveria ser apenas o aprimoramento cada vez mais correto de um modelo já existente. A sua permanência na História não corresponde a um modelo eternizado e idealizado e sim ao seu próprio valor histórico (DUARTE, 2008).

É possível que as obras dotadas da imortalidade a que chamamos de clássica sejam capazes de sobreviver ao perecimento das condições históricas nas quais nasceram não porque, pura e simplesmente, escapam da história, mas sim porque elas criam sua própria história. Elas são tão essencialmente históricas que trazem a história dentro de si, não apenas como aquele entorno exterior empírico. Toda obra, ao se escrever, escreve também sua história (DUARTE, 2008, p. 194).

Ítalo Calvino (2002), em sua obra **Por que ler os clássicos**, apresenta proposições com relação à definição de clássicos. Na concepção desse teórico, os clássicos são aqueles livros que estamos sempre relendo. A primeira leitura pelo jovem-leitor é muito prazerosa porque a obra lhe atribui significado mesmo que sua experiência de vida seja limitada, mas a mensagem fica arquivada na memória. Mesmo inconscientemente, os exemplos ressoam em atitudes posteriores desse jovem, o que é positivo em sua formação pessoal e ética como cidadão. Mesmo quando os leitores da idade adulta estão lendo uma obra pela primeira vez, é como se eles estivessem relendo-a, porque o clássico retrata a vida e experiências vividas.

Há uma identidade do leitor com uma obra clássica, tornando-a prazerosa. Rer a obra na idade madura é um prazer diferente da época da juventude.

Segundo o mesmo teórico, os clássicos são obras de conteúdos ricos para os leitores que já os tenham lido e não menos rico para aqueles que estão lendo pela primeira vez. Para o jovem-leitor, talvez, a leitura de um clássico não frutifique tanto como para um leitor mais maduro devido às suas experiências. Ele segue afirmando que as obras clássicas devem ser lidas motivadas pelo valor formativo do indivíduo presente nas narrativas por meio de modelos e exemplos. O clássico deixa marcas de uma história e de uma cultura em seus conteúdos, bem como o significado da mensagem para seus leitores que devem perpetuar na contemporaneidade. Segundo Calvino,

Isso vale tanto para os clássicos antigos quanto para os modernos. Se leio a Odisseia, leio o texto de Homero, mas não posso esquecer tudo aquilo que as aventuras de Ulisses passaram a significar durante os séculos e não posso deixar de perguntar-me se tais significados estavam implícitos no texto ou se são incrustações, deformações ou dilatações (CALVINO, 2002, p.11).

As obras clássicas são sempre muito atuais por conta de que os temas abordados não retratam somente questões históricas da época em que a obra foi escrita.

A recomendação de Ítalo Calvino, portanto, é que se leia os clássicos por meio de seus originais para que o leitor possa conhecer a arquitetura da obra e fazer a sua leitura nas entrelinhas de acordo com as suas percepções. A leitura realizada por um crítico literário, pesquisador, professor ou por outros leitores talvez não transmita tudo o que o autor poderia querer dizer. Esses intermediários podem causar uma “cortina de fumaça” (CALVINO, 2002, p.10), expressão utilizada por Calvino, referindo-se a uma interpretação diferente do que o texto original oferece.

Ler o original é ler sem intermediário, é sentir a emoção que a obra passa para o leitor, e esse sentimento tem que ser vivido com muito amor e não por obrigação, como defende Calvino. Por isso, a escola deve apresentar alguns clássicos para os alunos para que, a partir deles, os mesmos possam escolher aqueles com que melhor se identificam e tê-los como os livros de sua vida (CALVINO, 2002).

Concluindo as reflexões de Calvino (2002), clássico remete a uma narrativa atual, atemporal, que não fica encarcerada na antiguidade, e cujos exemplos tornam-se eternos. A essência do homem é a mesma em qualquer época, vivendo os mesmos problemas existentes no passado. Então, reler um clássico sempre é inovador, independe do tempo em que foi escrito, e os arquétipos de comportamentos o direcionam à vida. Mesmo que os argumentos de uma obra clássica contradigam o seu pensamento, ela é base para sua construção pessoal. O teórico finaliza afirmando que, por meio dos clássicos, entendemos quem somos e aonde chegamos. Esse fato implica na importância dos clássicos na vida de um jovem-leitor, por isso “[...] ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos” (CALVINO, 2002, p. 16).

Para Sérgio Santeiro (2008), clássico é atributo de classe, e classe é referência como o que se ensina na classe, sala de aula, como referência do que é digno de referência. Ainda por classe, entende-se por agrupamento social no qual se ingressa pelo nascimento e que se pode mudar no decorrer da vida. “[...] ter classe é comportar-se sem excessos” (SANTEIRO, 2008, p. 210). Clássico é termo de referência, ou seja, modelo de conduta.

No livro **Como e por que ler clássicos desde cedo** (2009), Ana Maria Machado define clássico:

[...] na literatura, na música, nas artes, na argumentação filosófica, como uma forma significativa que nos “lê”. [...] Mais do que nós a lemos. Não há nada paradoxal nem místico nessa definição. Cada vez que o enfrentamos, o clássico nos questiona. Desafia nossos recursos da consciência e do intelecto, da mente e do corpo [...]. O clássico fica nos perguntando: Entendeu? Está re-imaginando de forma responsável? Está preparado para agir baseado nessas questões, nas potencialidades de um ser transformado e enriquecido que eu estou colocando diante de você (MACHADO, 2009, p. 22, grifos da autora).

Machado reitera que os clássicos são livros eternos e sempre novos e, se forem lidos na infância, são fruídos de um modo especial porque o jovem-leitor saboreia o livro e atribui uma importância muito individual. Afirma que “[...] não há razão para deixar de ler os clássicos desde cedo. Eles estão à nossa disposição, com toda a opulência de seu acervo, a generosidade de sua oferta. Dispensá-los por ignorância seria uma grande perda” (MACHADO, 2009, p. 24).

Sobre a produção, os escritores clássicos são designados escritores de primeira classe, cujas obras são consideradas exemplares. A partir desta constatação, foram adotadas as denominações para outras manifestações artísticas, como teatro clássico, arquitetura clássica e música clássica, por exemplo.

Nas artes cênicas, clássico é marcado pelo valor atemporal que emana de uma obra, sendo reconhecido seu valor histórico ou documental, inerente ao espetacular e que permanece impresso em uma espécie de memória virtual coletiva. Exemplificando uma obra clássica desta natureza:

A *mise-en-scène* de Ziembinski pode ser definida como um clássico na medida em que nela se observa uma durabilidade no tempo, que a faz atual, coetânea ao nosso tempo, pois sua linguagem e seus procedimentos cênicos ainda continuam funcionais, vivos. As ações simultâneas, em planos e tempos diferentes, a distinção entre realidade, memória e alucinação, admiravelmente solucionadas pela montagem, ainda parecem uma novidade para quem não assistiu à sua estreia [...] um sentimento de inesgotabilidade, a montagem, parafraseando Italo Calvino [...] parece que ainda não terminou o que tinha para nos dizer: o clássico é o novo (de novo) e sempre (RIBEIRO, 2008, p. 212, grifo do autor).

A encenação teatral é um clássico quando:

[...] se sabe conservar no tempo o pacto teatral, independentemente do seu ponto de vista em relação ao artifício, dando a ele uma surpreendente vitalidade, uma inesgotabilidade, uma permanência, que nos envolve uma outra vez, que nos abre ao mundo específico do universo teatral, ao mesmo tempo em que nos permite levar nosso mundo de fora para dentro do espetáculo. Uma dupla revelação, tão misteriosa e inconsistente quanto à vida. Isto é, para nós, o que faz de um espetáculo teatral um clássico (RIBEIRO, 2008, p. 213).

Para as artes plásticas, “o período clássico será aquele cujas criações exemplares passam a servir de modelo” (MALUF, 2008, p. 200).

O “*classicus scriptor*” designava o autor que se destacava da grande maioria devido à escrita considerada superior e que deveria ser cultivada, tornando-se modelo nas mais diversas áreas. Nesse sentido, clássico é uma “noção normativa” (MALUF, 2008, p. 200), que de acordo com os autores latinos da época imperial representa “escritores de primeira classe” (MALUF, 2008, p. 200).

A partir destas considerações, pretendemos encaminhar a discussão sobre a presença do clássico no processo de formação de leitores, com ênfase no ambiente escolar.

Nesse sentido, temos o entendimento de que muitos alunos passam pelas escolas e desconhecem o que são obras clássicas ou, quando são apresentadas em raríssimas ocasiões, isso nem sempre é feito de forma motivadora, porque as obras são jogadas nas mãos de jovens, na maioria das vezes, sem quaisquer contextualizações. As obras entram na escola com o objetivo de simplesmente realizar avaliação pelo aluno e responder questões no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por exemplo. O clássico não deve ter essa abordagem de atender a um exame de seleção nas instituições escolares. Deve, sim, destacar as mensagens que importam levar para a vida. É necessário criar um clima muito especial em torno da leitura de uma obra clássica, com oferta de ferramentas para que o jovem-leitor possa ficar entusiasmado com o conteúdo e ter habilidades para apreciar a leitura. O leitor poderá criar identidade com essas obras inserindo-as em sua biblioteca pessoal. Assim, uma obra bem lida poderá trazer importantes ressonâncias na vida desse leitor.

Sob outro aspecto na infância, é muito importante desenvolver um trabalho voltado para a literatura de forma que atraia o pequeno leitor para os livros, despertando o amor pelas obras. Entretanto, constatamos que existe uma lacuna nesta fase e no ensino para jovens, porque os livros que circulam nas escolas são para constar no trabalho escolar. Em vez de o jovem-leitor amar os livros, ele tem repulsa, principalmente, com os clássicos, considerados obras difíceis. Não é realizado, na maioria das escolas, um trabalho de convencimento do leitor para que sinta o clássico como uma obra muito especial devido aos seus importantes ensinamentos, que não são somente escolares, mas de vida. A partir de uma leitura de um clássico, o leitor poderá buscar outras leituras ou fazer o caminho inverso, ou seja, ler uma obra que revise os clássicos e por meio dela, buscar a leitura de um clássico em sua forma original. Com isso, aumentará seu repertório pessoal e cultural. Se o leitor, mesmo que esteja em uma fase inicial de leitura, quiser visitar uma versão original de uma obra, é função do educador possibilitar essa visita, mesmo que este jovem não consiga mergulhar na complexidade do texto. Essa experiência possibilitará uma inserção num mundo cheio de desafios e obstáculos que não pode ser negado para o jovem.

Entendemos que é fundamental que a leitura de clássicos seja realizada com mediação de bons professores que poderão selecionar recortes da obra de sua

preferência e comentá-los com entusiasmo e paixão. Oferecer a leitura com pequenas dosagens possibilitará, com o tempo, o conhecimento de um bom número de narrativas clássicas. (MACHADO, 2009, p. 13, grifo da autora). Essa ação, provavelmente, levará o leitor a buscar por outras obras de mesma qualidade ainda na adolescência.

Os clássicos infantis, que têm em seu enredo a cultura grega, agradam às crianças e aos jovens por serem obras divertidas e que exploram o imaginário. É um verdadeiro curso de mitologia clássica que proporciona o conhecimento de mitos daquela cultura. As adaptações dessas obras por Monteiro Lobato podem ser o início da aproximação com obras gregas. A partir disso, as crianças e jovens passam a conhecer muitas expressões gregas que estão presentes até hoje e que influenciam nossa cultura. O leitor não pode ficar alheio a esse patrimônio mitológico durante sua infância, deve ser introduzido nesse universo de acordo com a leitura de adaptações dessas obras. Não podemos deixar para conhecer essa riqueza cultural somente na fase adulta, isso é negar o conhecimento para os pequenos. “Negar isso às futuras gerações é um desperdício absurdo, equivale jogar no lixo um patrimônio valiosíssimo que a humanidade vem acumulando há milênios” (MACHADO, 2009, p. 30). As crianças têm o poder de armazenar lembranças vividas de forma nítida e muito duradora, talvez, pelo fato de possuírem uma memória ainda virgem e muito receptiva para as experiências que deixam marcas significativas. Sendo assim, é de suma importância que a criança ou o adolescente tenha a possibilidade de ler diferentes obras desde cedo para que o conteúdo delas faça parte da bagagem cultural e afetiva que o leitor levará para toda a vida.

Ana Maria Machado defende que uma boa adaptação de uma obra clássica poderá ser um caminho que introduzirá o jovem no mundo dos clássicos, porque a história bem contada também emociona e, a partir dessa experiência, estimula o leitor a buscar um futuro encontro com um clássico. Se esse encontro for marcante, sedutor, atraente, levará a uma lembrança positiva para o resto da vida e, assim, será motivo para que esse leitor continue desbravando, por conta própria, esse rico território literário (MACHADO, 2009).

Outra possibilidade de apresentar as obras clássicas para as crianças, num primeiro contato, oralmente, é por meio da contação de história ou da leitura, seguida de conversa. Esses momentos de encontro com as obras mediadas por um

adulto farão a diferença nas (re)leituras futuras desse leitor. Será um presente muito significativo. Assim, nasce o amor por essas narrativas e esse ato de amor é para sempre.

Outro exemplo são as narrativas da Idade Média, carregadas de fatos históricos e de aventuras fantásticas que iluminam a imaginação humana. São leituras clássicas que empolgam os jovens-leitores, mesmo em versões condensadas. No século XX, o folclore celta e do universo medieval estão vivos nos livros, no cinema, no RPG, por meio de aventuras medievais carregadas de simbologia. Para exemplificar, há as obras de Tolkien como **Hobbit** e a trilogia de **O Senhor dos anéis, As brumas de Avalon**, histórias do rei Artur e a sua espada Excalibur, Robin Hood, as sagas de Harry Potter. Diante dessas obras, o jovem se vê inserido nesse mundo fantástico, um mundo repleto de simbologias (MACHADO, 2009).

As narrativas de cavalaria trazem conhecimentos que contribuem com o entendimento de contos de fadas de forma enriquecedora e com maior profundidade, tornando-os mais interessantes. Com isso, leva à compreensão da sociedade em que vivemos. As excelentes adaptações oportunizam o jovem-leitor a conhecer obras clássicas devido a uma linguagem mais acessível àquela faixa etária, mas no ato da escolha da obra adaptada devemos ficar atentos ao conteúdo dela para verificar se não houve alteração significativa que comprometa o conteúdo proposto, como advertiu Machado (2009).

Há que se preservar as histórias tradicionais que prestaram um serviço à humanidade com seus enredos fabulosos que trouxeram um acervo que faz parte da história dos homens por meio de grandes ensinamentos que as crianças e jovens não podem deixar de conhecer. Neste sentido, ler vai além de decodificar símbolos, leva o leitor a conhecer outros mundos como sustenta Machado:

Ler uma narrativa literária (como ninguém precisa ensinar, mas cada leitor vai descobrindo à medida que se desenvolve) é um fenômeno de outra espécie. Muito mais sutil e delicioso. Vai muito além de juntar letras, formar sílabas, compor palavras e frases, decifrar seu significado de acordo com o dicionário. É um transporte para outro universo, onde o leitor se transforma em parte da vida de um outro, e passa a ser alguém que ele é no mundo cotidiano (MACHADO, 2009, p. 77).

Ressaltamos que a narrativa dos contos de fadas traz uma linguagem simbólica e poética, colorida e metafórica. Não é para ler literalmente, a sugestão é mergulhar no mundo fantástico que aciona os desejos, medos e anseios do ser humano de modo geral sem estar atrelada à época, classe social, nacionalidade. Bruno Bettelheim em **A psicanálise dos contos de fadas**, discute o valor psicanalítico dessas narrativas quanto à elaboração simbólica das angústias, das ansiedades e de seus conflitos íntimos (BETTELHEIM apud MACHADO, 2009). A leitura dos contos de fadas “funciona como válvula de escape para as aflições da alma infantil” (MACHADO, 2009, p. 79) e, por meio dela, as crianças podem vivenciar os problemas psicológicos simbolicamente de forma a superá-los.

Os contos de fadas foram um gênero muito presente no imaginário popular, o que possibilitou muitas releituras dessas narrativas em filmes e novelas, o que até mesmo apresentou os clássicos com outra roupagem na literatura contemporânea. Para que o leitor compreenda o humor ou a sátira e o que está fora de contexto do conto tradicional, tem que se apropriar dos clássicos de referência. Os contos de fadas continuam sendo um gênero literário muito revisitado e demasiadamente relevante para os jovens-leitores.

Diante do desconhecimento das obras clássicas, o leitor atual poderá ter dificuldades de compreender a literatura contemporânea, já que há diálogo com as obras do passado, a influência da escrita também se faz presente. É a intertextualidade. Esse fato é o que caracteriza a qualidade de uma obra (MACHADO, 2009).

Assim, mergulhar em histórias passadas pode modificar o olhar do jovem-leitor para a realidade que o cerca. Encontrar-se com as histórias contemporâneas que têm uma linguagem viva e atual, com personagens inesquecíveis, pode ser o caminho acertado para se explorar as obras de grandes mestres da literatura, parte de nosso grande tesouro literário.

Os clássicos, portanto, são um verdadeiro legado que se perpetua em nossa humanidade, e os pequenos leitores possuem o direito de viver as histórias clássicas diante da fantasia e da imaginação, ancoradas ao mesmo tempo no real e no concreto porque retratam o humano no que se refere à vida, à morte, ao amor, ao medo, sem perder a emoção e a aventura, proporcionando ao leitor viajar dentro do universo literário (HELENA, 2019). As obras clássicas são um imenso

patrimônio de valiosas obras literárias que se acumularam ao longo de nossa história. Essas obras estão perto de nós, só que não as valorizamos e as deixamos intocáveis, sem dar importância para o que representam para nossas vidas. Em alguns casos, não há o interesse nem de abri-las para ler e conhecer o que cada obra oferta. É simplesmente um desperdício diante de tal tesouro (MACHADO, 2009).

Dentro desse pensamento, o poeta e crítico literário José Paulo Paes propõe uma teoria do degrau: “a literatura de entretenimento estimularia o hábito da leitura, que permitiria o que é justamente, então, o acesso ao patamar da literatura erudita” (PAES apud PASTORE, 2012, p. 9). Pedro Salinas afirma que “Um clássico é um livro que sempre presta ao espírito do homem um serviço da mais alta qualidade” (SALINAS apud MACHADO, 2009, p. 22)

“Navegar pelos clássicos da literatura é preciso, mas é impreciso. É necessário, mas é inexato. [...] Um livro leva a outro, uma leitura é abandonada por outra, uma descoberta provoca uma releitura. Não há ordem cronológica” (MACHADO, 2009, p. 130). Aproveitando a citação de Machado, navegar é uma palavra que remete à condução de embarcação para explorar, descobrir o desconhecido, viajar pelos espaços mais inusitados, desbravar fronteiras inimagináveis ... Esse é o universo que crianças e jovens devem explorar, viver navegando...

Para finalizar essa reflexão, alertamos que proporcionar essa navegação desde cedo para o jovem-leitor é uma ação que transformará sua vida devido à construção de sua história literária por intermédio de uma leitura de qualidade. Esses leitores serão, com certeza, cidadãos mais seguros para enfrentar e solucionar situações da vida que porventura tiverem que enfrentar como cidadãos de fato.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CLÁSSICO. In **Dicionário Aurélio online**, 2020.

Disponível em <https://www.dicio.com.br/aurelio-2>. Acesso em: 8 fev. 2021.

DUARTE, Pedro. Por que uma obra é clássica? *In: O que faz de uma obra um clássico? Revista Poiésis*, nº 11, novembro, 2008.

Disponível em: http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis11/Poiesis_11_entrevistas.pdf. Acesso em 8 jul. 2021.

ETIMOLOGIA DE CLÁSSICO. Gramática: conhecimento da língua portuguesa. [20-]. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-classico/>. Acesso em: 8 jul. 2021.

HELENA, Sarah. **Por que ler os clássicos para os pequenos?** 2019.

Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/por-que-ler-os-classicos-para-os-pequenos/#:~:text=Atravessando%20gera%C3%A7%C3%B5es%20com%20narrativas%20significativas, reais%20e%20concretos%20>. Acesso: 8 jul. 2021.

KAVÁFIS, Konstantinos. Ítaca. Tradução de José Paulo Paes, 2016. Disponível em: [MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.](https://singularidadepoetica.art/2016/02/24/konstantinos-kavafis-itaca-em-tres-traducoes/#:~:text=(Trad.,de%20aventuras%2C%20repleto%20de%20saber.&text=emo%C3%A7%C3%A3o%20teu%20corpo%20e%20teu%20esp%C3%ADrito%20tochar. Acesso em: 8 jul. 2021.</p></div><div data-bbox=)

MALUF, Ued. O que faz uma obra um clássico? *In: O que faz de uma obra um clássico? Revista Poiésis*, nº 11, novembro, 2008.

Disponível em: http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis11/Poiesis_11_entrevistas.pdf. Acesso em 8 jul. 2021.

PAES, José Paulo. *In: PASTORE, Marina. Como um clássico se torna um clássico? A fronteira entre arte e entretenimento na literatura. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação.* São Paulo: USP, 2012.

RIBEIRO, Martha. O que faz de uma obra um clássico? *In: O que faz de uma obra um clássico? Revista Poiésis*, nº 11, novembro, 2008. Disponível em:

http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis11/Poiesis_11_entrevistas.pdf. Acesso em 8 jul. 2021.

ROCHA, Renato. O que faz de uma obra um clássico? *In: O que faz de uma obra um clássico? Revista Poiésis*, nº 11, novembro, 2008. Disponível em:

http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis11/Poiesis_11_entrevistas.pdf. Acesso em 8 jul. 2021.

SALINAS, Pedro. *In: Machado, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

SANTEIRO, Sérgio. O que faz de uma obra um clássico? *In: O que faz de uma obra um clássico? Revista Poiésis*, nº 11, novembro, 2008.

Disponível em: http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis11/Poiesis_11_entrevistas.pdf.
Acesso em 8 jul. 2021.